



Proprietario e d rector **LISBOA** Editor
Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial—C. da Gloria, 5 *Antonio Gil Cardoso*

SUMMARIO: — Gluck — A estatua de Carlos Gomes — O tamboril da Provença — Notas vagas — Rabeca ou rebeca? — Praias e thermas — Noticiario — Bibliographia — Necrologia — Os bandolins de Vinaccia

GLUCK

CHRISTOPH Willibald Gluck, — nasceu no dia 2 de Julho de 1714 em Weidenwang, no alto Palatinato.

Seu pae era couteiro do principe Lobkowitz e foi n'uma modesta escola d'aldeia que enceu a sua educação. Aos doze annos mandaram-o para o collegio dos Jesuitas de Kommotau onde continuou os seus estudos desde 1726 a 1732; foi ali que começaram os seus conhecimentos de canto, violino, cravo e orgão e essa bagagem musical foi d'ali por deante o seu unico recurso para viver.

O joven artista foi benevolmente acolhido em Praga, essa pequena cidade de diletantes que mais tarde foi o campo privilegiado de Mozart. Foram auspiciosos os debutes de Gluck, como cantor e violinista nas egrejas e tiveram a fortuna de attrahir a attenção de um musico de valôr, P. Czernohorsky, que lhe ensinou o violoncello augmentando elle assim o numero de instrumentos de que podia tirar partido. Deu concertos em varias cidades chegando a Vienna, onde sem-

pre protegido pelo principe Lobkowitz poude então completar os seus estudos musicaes.

Pouco tempo depois visitou a Italia e demorado em Milão durante quatro annos a instancias de um nobre italiano que presentiu aquelle génio nascente, ali estudou ainda sob a direcção de Sanmartin e poude pro-

duzir a sua primeira obra, a opera *Artaserse* representada em 1741.

Em menos de quatro annos escreveu ainda sete operas que foram recebidas nos theatros de Italia sempre com crescente successo. Em Inglaterra foi menos feliz e Handel declarou detestavel a sua musica. Provavelmente o autor do *Messias* teria modificado a sua opinião se tivesse podido mais tarde ouvir o *Orpheu* e *Alceste*, as duas grandes composições d'aquelle talento então em

toda a sua plenitude e de que elle tanto desdenhára.

De Inglaterra passou a França, em uma época para elle das mais proveitosas pois lhe facultou ensejo de escutar a musica tão sobriamente expressiva de Rameau.

Em 1749 encontramol-o em Copenhague onde compoz uma serenata em dois actos intitulada *Filide*, para o rei da Dinamarca.



D'ali em deante compoz obras sobre obras notando-se n'ellas sempre progressos; comtudo ainda o seu genio não tinha encontrado a verdadeira senda onde poderia desenvolver-se em toda a sua amplitude. Os librettos banaes dos Metastasio e Zeno eram para elle mesquinhos e a sua musa altiva encontrava-se mal á vontade quando tinha de engrinaldar com volatas *vaudevilles* francezes como o *Ivrogne corrigé* e o *Cadi dupé* etc., etc.

Finalmente encontrou collaborador condigno no librettista Calzabigi que comprehendeu e entrou nas suas vistas dramaticas e assim a musica poude contar duas obras primas incomparaveis: Orpheu (1762) e Alceste (1767).

Entre estas duas obras de capital importancia Gluck escreveu ainda varias operas que não mencionaremos porque não foram d'aquellas em que o mestre poude patentear o maravilhoso poder do seu talento. Chegamos emfim a *Iphigénie en Aulide* cujo libretto foi extrahido da tragedia de Racine, por du Rollet, e que foi representada na opera de Paris devido á intervenção da rainha Maria Antonietta, perante cuja autoridade, teve que ceder a má vontade dos musicos da orchestra (19 d'Abril de 1774). A rainha auxiliou poderosamente, n'aquella conjunctura, aquella que em Vienna tinha sido seu professor de canto.

Quatro mezes depois a Academie Royale de Musique, enthusiasmada com o successo de *Iphigénie*, poz em scena uma traducção do Orpheu. O papel principal foi cantado por um sopranista chamado Legros, o qual exigiu que a sua parte fosse alteada de quarta. Ha alguns annos, uma cantora admiravel, M.^{me} Viardot, cantou esse papel no tom exacto em que foi escripto pelo auctor, glorificando-o ainda mais.

Comtudo os amadores de musica italiana achavam falta de melodia na musica de Gluck; suscitaram-lhe um rival na pessoa de Piccini que escreveu então em Paris uma opera cujo heroe era *Roland*. Gluck tinha tambem entre mãos o libretto d'outro Roland, destinado igualmente á Academie Royale de Musique; acceitou portanto o repto e deu elle proprio o signal da luta publicando uma carta aberta, (em 1777). A guerra dos Gluckistas e Piccinistas converteu o theatro da opera e os jornaes em verdadeiros campos de batalha. Os chefes dos partidos eram o abbade Arnaud e la Harpe, o *principe dos pedantes*.

N'uma das recitas d'Alceste quando a cantora dizia uma das mais bellas phrases: *Il me déchire et m'arrache le cœur* um espectador gracioso exclamou «Ah! Mademoiselle vous m'arrachez les oreilles. Ah! mon-

sieur, replicou um visinho, *quelle fortune si c'est pour vous en donner d'autres!*

Em 3 de março de 1777, *Armide* teve enorme successo, e isso fez ainda aquecer a intensidade da luta. La Harpe escreveu versos satyricos que lhe valeram a seguinte resposta d'um amator que, dizia elle:— «*aime la musique et tous les instruments excepté la Harpe.*»

Os trocistas diziam que Gluck morava na rua do *Grand Hurlleur*, Piccini, na rua des *Petits chants* e Marmontel, collaborador d'este, na rua des *Mauvaises Paroles*.

Com o tempo tudo serenou, Piccini ficou vencido e com elle a musica italiana.

Gluck, artista de genio incomparavel, tinha muitos defeitos sendo o primeiro um immenso orgulho. Era tambem avarento e bebedo. Juntou grande fortuna devida em parte ao seu trabalho e tambem no commercio de diamantes. O seu regulamento de vida era um circulo vicioso «Com o vinho vem a inspiração, com esta escrevo operas, ganho dinheiro, e torno a comprar vinho.» Este grande homem morreu miseravelmente de uma indigestão de aguardente. no dia 25 de novembro de 1787. M.^{me} Gluck tinha-se esquecido de esconder o garrafão.

Mas perante o artista radiante de gloria esquecem as miserias do homem.

VIRGINIA BAPTISTA



A ESTATUA DE CARLOS GOMES

EM 2 do mez passado inaugurava-se na praça Bento Quirino, em Campinas, a estatua do grande compositor brasileiro Carlos Gomes, devida ao cinzel de Rodolpho Bernardelli.

Apesar da chuva que não deixava de cahir, desde muito cedo que a vasta praça regorgitava de povo, ansioso de pagar ao seu glorioso conterraneo esta velha divida de gratidão.

A' 1 e meia da tarde estavam presentes no local do monumento o governador de S. Paulo, dr. Jorge Tribiriçá, dr. Carlos Botelho, Camara Municipal, commissão do monumento, autoridades locais, officialidade do cruzador *Carlos Gomes*, representantes da imprensa de Campinas, S. Paulo, Rio e uma grande massa popular.

Tomou a palavra o dr. Cesar Bierrenbach, a alma do grande movimento glorificador, e, em palavras vibrantes de emoção e enthusiasmo, fez a apologia do grande genio musical, trazendo o auditorio suspenso e empolgado pelo brilho das suas frases.

O maestro Sant'Anna Gomes, irmão do grande artista, mal contendo a commoção, abraçou o orador, agradecendo-lhe em nome da familia Gomes a homenagem que Campinas prestava ao seu grande filho.

Entre entusiasticos aplausos falou depois o dr. Salvador de Mendonça, que recitou uma bella poesia de sua lavra.

A banda policial executou então a symphonia do Guarany terminando assim a cerimonia da inauguração do monumento de Carlos Gomes, aliás apressada pela insistente chuva que cahia.

Houve em seguida uma sessão solemne, promovida pelo Centro de Sciencias, Letras e Artes e a que concorreu uma numerosa e selecta assistencia.

Foi presidida pelo dr. Rodrigo Octavio, sentando se á mesa o dr. Jorge Tribiriçá, tenente Amaral, guarda-marinha Lobo, representantes da officialidade do cruzador *Carlos Gomes*, Salvador de Mendonça, Lucio de Mendonça e dr. Carlos Botelho.

Alem de varios discursos em que se relêmbra as superiores qualidades de coração e primôres de talento que exornavam o grande maestro brasileiro, recitou uma senhora uma formosa ode a Carlos Gomes, composição do poeta portuguez Fernandes Costa.

Para fechar com chave de ouro esta memoravel sessão, o dr. Tribiriçá declarou que o estado de S. Paulo, desejando prestar uma homenagem a Carlos Gomes, se encarregaria da educação artistica de Alfredo Gomes, talentoso violoncellista, sobrinho do grande campineiro e filho do maestro Sant'Anna Gomes.

O concerto que á noite se realisou no Club Campineiro, encerrou a serie de festas em honra do grande artista.

O Tamboril da Provença

FECHARAM-SE OS salões e os theatros e n'este agosto, de tão morna calmaria artistica, não sabemos se mais vos interessa, leitora gentil, o vosso copo d'agua sulphurosa e o *flirt* que haveis esboçado ha dias no casino, se as caturrices da nossa humilde chronica.

O camço é evidentemente a preocupação da maioria e não vos pesará de certo que,

afastando o olhar das altas culminancias da arte, o vamos fixar um momento em musica menos complicada e severa, mas nem por isso destituída de encantos — na simples e ingenua musica dos camponeses e nos instrumentos que elles preferem empregar nos seus folguêdos.

Começaremos pelo *tamboril da Provença* que, com o seu inseparavel *galoubet*, é um dos instrumentos populares mais interessantes de estudar.

As nossas estampas dão claramente a perceber a fórma de o tocar, a posição, etc.; o tamborileiro segura com a mão esquerda uma especie de *flageolet* ou *galoubet* e com a direita a maceta do tamboril.

A simplicidade do *galoubet* é quasi primitiva; tem tres furos lateraes, dois de um lado e o terceiro do lado opposto, abrangendo ainda assim uma extensão chromatica de 19 notas de timbre estridente e de afinação nem sempre justa.

Quanto ao *tamboril (tambourin)* differe



TAMBORILEIROS DE OUTR'ORA

dos seus congeneres em que o corpo do instrumento é muito mais longo, sendo as membranas vibrantes feitas geralmente de pelle de cão e a superior a mais delgada.

O conjuncto d'estes dois engenhos sonoros realisa, ainda que modestamente, a junção dos dois elementos primordiales da musica — a melodia e o rithmo; o *galoubet* cantando as arias populares, geralmente as mais alegres e vivas, o *tamboril* marcando os tempos fortes de cada compasso, com ligeiras variantes de desenho.

Por monotono que seja o acompanhamento, tem pelo menos a vantagem de suavisar um tanto o estridôr do *galoubet*.

O uso d'este duplo instrumento, assim se pode chamar, é vulgarissimo na Provença, quer no theatro, quer no campo, quer na egreja. As danças do povo, as romarias, as festas da Tarrasca e outras que são tradicionaes no sul da França exigem a presença de um ou mais tamborileiros.

As vezes reune-se até um consideravel nu-



O TAMBORILEIRO D'HOJE

mero d'elles. Resam as chronicas provençaes que em setembro de 1860, por occasião da visita do imperador a Marselha, se fizeram grandes festas populares em que, pretendendo-se mostrar os usos da provincia com toda a sua côr local, se contractaram nada menos de 200 tamborileiros, para acompanhar as cantigas e as dansas do povo.

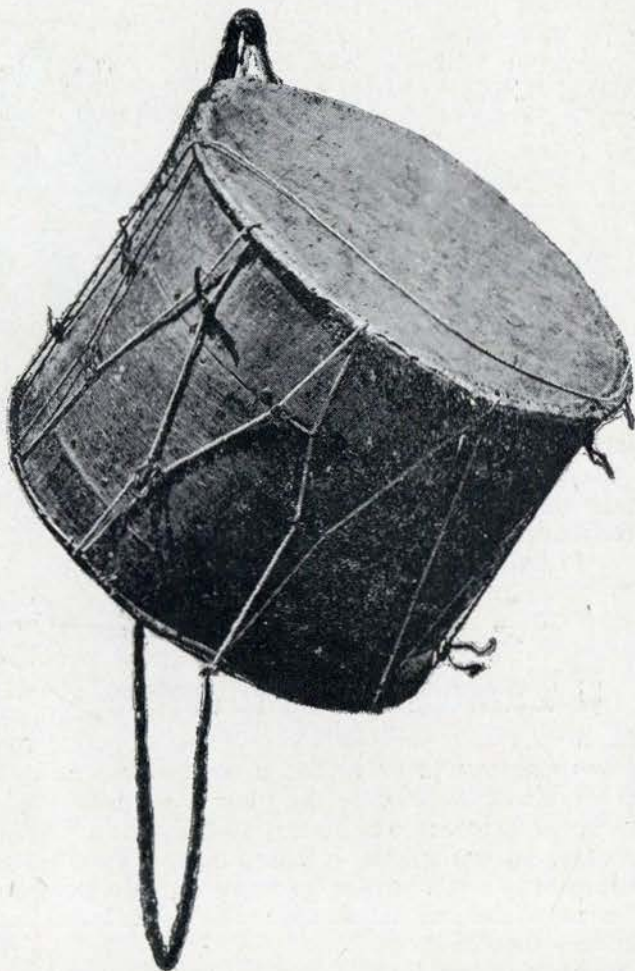
O emprego do *galoubet* e do *tambourin* nas solemnidades religiosas é frequentissimo, mormente nas procissões e nas festas do Natal.

No Var chegaram tambem a adoptar o curioso instrumento popular na composição das bandas regimentaes. Mas o seu verdadeiro logar é em pleno campo, á sombra das carvalheiras, incitando as raparigas e os mocetões do logar á endiabrada *farandola*, que, n'um seis por oito cheio de vida e de movimento representa a mais bella expressão da franca alegria provençal.

*Jouvent, fougues lèst pèr vent
A la Farandoulo :
Lou Galoubet toco à ravi,
Nous dis que fau segui ;
Dounen-se la man,
E, quatecant,
Seguissen la foulo :
Es lou moumen de se pressa,
Car vai commença ;
De balans,
En avans,
Faguen lou round dessus lou champ.*

o que significa, pouco mais ou menos :

*Rapazes, apromptem-se para vir
A' farandola:
O Galoubet toca lindamente
E diç nos que o sigamos ;
Dêmo nos as mãos
E, sem demora*



O NOSSO TAMBORIL ALEMTEJANO

Acompanhemos a multidão.
 E' tempo de nos apressarmos,
 Que vai começar;
 Animo,
 Para diante,
 Façamos a roda immediatamente.

E' uma canção do poeta arlesiano Michel de Truchet, copiada em um curioso livro de F. Vidal cadet ⁽¹⁾, que é o mais intransigente e exagerado panegyrico das mirificas virtudes do *galoubet* e do seu inseparavel companheiro.

E, em que pese a este escriptor entusiasta, que só admittre que haja *tamboris* e *galoubets* na Provença, importa accentuar que na Italia, em Héspanha e Portugal, se encontram instrumentos similares, com identica applicação e emprego.

E' conhecidissimo no Alemtejo e particularmente em Serpa, variando apenas do seu congenere provençal em ser muito mais curta a caixa do *tamboril*, como se pode ver na nossa 3.^a gravura.

O *galoubet*, a que os camponios chamam *gaita*, é que é absolutamente identico; tem o mesmo numero de furos e portanto a mesma escala.

Em um dos numeros do nosso collega, *A Tradição*, brilhante revista ethnographica que se publica em Serpa, pode ver-se uma ligeira monographia do tamborileiro alemtejano, bem como uma gravura representando este *virtuose* popular e até a reproducção d'uma das peças do seu *repertorio*.



CARTAS A UMA SENHORA

LXXVI

De Lisboa

QUER então saber como é que em Lisboa passa as noites a legião de forçados da vida que não possui dinheiro ou não tem saúde para singrar por ahí fóra os mares agitados ou tranquillos que levam ás maresmadas regiões da alegria e do bulicio?

Ah! querida amiga, é muito facil a resposta: parte d'elles apodrece lentamente, vegetando n'aquella apagada e vil tristesa de que fala o epico, e cada dia que surge é mais um elo da cadeia que a estrangula e um novo desfiar do rosario de illusões que tambem

dia a dia se entretem a tecer; emquanto outra parte, menos infeliz talvez porque não sonha e dotada de maior resignação porque nem sequer reage, não julgando possível melhorar de condição e de *meio*, procura esquecer na embriaguez do somno ou da orgia a dura realidade da existencia, e tambem não vive, *dura*...

Entretanto, chegam-nos lá de longe os echos esbatidos mas festivos de países que embora dominados pela febre ardente do dinheiro, pela cupidez doentia da riqueza e mordidos inclusivé pelos torvos monstros do despotismo ou da guerra, guardam todavia n'alguns ideaes recessos o reconfortante e divinal licor do enthusiasmo e da esperança, e sem deixarem de trabalhar, de produzir, de conceber, sabem rir em certas horas, e não se dedignam de gosar em determinados dias; e nos seus jardins cheios de luz e de verdura, nos seus cafés transbordantes de animação e de encanto, na musica dos seus concertos, nas vozes dos seus orpheons, e, em summa, na graça aligera das suas mulheres e das suas creanças, um nobre aspecto nos dão da existencia, e assim nos reconciliam com as inclemencias da sorte, com as injustiças do mundo, com os embates da adversidade, já que tudo isto em toda a parte fere e no mais florido recanto surge.

E assim, acontece que até aquelles mesmos desgraçados que penaram curvados em dolorosas, duras tarefas para ganharem o magro pão que comem, podem comtudo, ao atravessar uma praça, ao seguir um *boulevard* ou ao descançar no banco d'um passeio, refrescar um pouco o espirito, aligeirar o seu tanto o coração, e desfranzir os labios na contemplação momentanea da belleza e da arte, por instantes esquecendo o que a vida para elles tenha de oppressivo e arido...

Mas por cá, minha senhora, as noites succedem-se n'uma desolação consternadora e ao longo d'aquella apesar de tudo formosissima Avenida que v. ex.^a conheceu em seus principios, todós nós temos ar e figura de cyprestes ambulantes, e pelos bancos repousam, dormitam respeitaveis familias, e só lá n'algum recanto o amor se acoita desconfiado e timido, receoso dos olhares severos da moral com *m* grande e da policia mesmo com *p* pequeno...

Algumas creanças, pobresinhas d'ellas, fazem que brincam atropellando-se umas ás outras ou atropellando os passeiantes, por não terem, as miseras, um recinto proprio onde possam mexer-se e pular á vontade, e de quando em quando um automovel passa empestando o ar, e lançando o susto entre as pacatas gentes que por aquella escuridão se arriscam...

(1) F. Vidal cadet — Lou Tambourin, istori de l'estrument provençal, seguido de la Metodo dou Galoubet e dou Tambourin e deis E'r Naciounau de Provença.

Não, não é divertida, como vê, a presente quadra na capital d'este pittoresco reino de Portugal chamado, pois a não ser a benequerita feira de Belem, com a qual já varões conspicuos aliás quizeram acabar, o unico refugio que resta aos forçados a que atraz alludo vem a ser a cama, o vicio, e para os mais atascados nas podridões mundanas, o negregado jogo, contra o qual muitos catões investem e a favor do qual muitissimos outros declamam, sem pensarem nem uns nem outros na unica solução logica que o bom senso indica — a de o permittir em termos e em determinados pontos e mediante uma forte licença empregada em melhoramentos locaes de toda a ordem, a começar nos de ordem moral, com o que alguns decerto lucrariam e elle proprio acabaria talvez por se moralisar ou melhor ainda, viria a morrer de penuria, desaparecendo como orgão sem funcção.

Ah! Querida amiga isto póde affigurar-se-lhe desbragadamente heterodoxo, mas é o que penso, e apenas para terminar com um certo bafio de orthodoxia me permittirei lembrar-lhe que segundo S. Bernardo a tribulação produz a pusilanimidade, esta origina a perturbação, a qual por sua vez gera o desespero.

Ora, se não querem ver-nos a todos desesperados, seria prudente não nos fazerem desesperar, e ainda que os padres da Igreja falem de uma certa imitação da morte na vida, a que chamam a *morte espiritual*, por mim confesso que sob esta fórma, e em algumas das suas consequencias, ella por emquanto me não sorri demasiado.

Como quer porém que seja, forçoso me será sujeitar-me a este meu degredo por aqui, visto não me ser facil voar, voar até até essa calma e deliciosa praia onde por agora, segundo em seus lindos dizeres notei, passeia a delicia de existir e saboreia o grato prazer de se sentir viver...

AFFONSO VARGAS.



RABECA OU REBECA?

Do nosso eminente collaboradôr o sr. dr. Sousa Viterbo recebemos a seguinte nota elucidativa.

«No *Elogio historico* do Cardeal D. Thomaz de Almeida, impresso em Lisboa em 1754, descrevendo-se as festas pela inauguração do seu patriarchado, lê-se a pags. 45: — «...ouvindo-se nellas huma sonora musica de vozes e armonia de clarins, atabales, flautas e rebecas no seu Palacio...»

PRAIAS E THERMAS

Como complemento á noticia ultimamente dada sobre os grupos musicaes que estão fazendo as delicias das *villegiaturas* em moda, cumprenos registar tambem o *Sexteto* de Cascaes, a que por lapso não tinhamos alludido.

Ahi vae pois a composição do sexteto do Casino.

Huberto Gonzalez, (1.º violino)

Celso Diaz, (2.º violino).

Eduardo Escobar, (violeta)

Manuel Calvo, (violoncello)

Luiz Gracia, (contrabaixo)

Antonio Puig, (piano)

O pianista do Casino Mondego, da Figueira, é José Gonzalez de la Oliva; o 2.º violino é Carlos Pastrana e não Santos Moreno, como por erro dissemos.



Merece registro o ultimo concerto de musica de camara, organizado pelo *Sexteto Julio Francés*, no Grande Casino Internacional do Mont'Estoril.

Foi em 11 d'este mez e compoz-se do *Quarteto* op. 3, de Mendelssohn, com piano, do *Nono Quarteto* de Beethoven (cordas só) e do famoso *Quinteto* de Cesar Franck, que foi dado a conhecer em Lisboa o anno passado pela *Sociedade de Musica de Camara*, e que é, a nosso vêr, uma das peças magistraes que ultimamente se tem escripto n'este genero de musica.

Como se vê um programma primoroso e em extremo tentador.

Chamados pelo convite amavel do illustre director do sexteto a apreciar a execução d'essas bellissimas obras, apressâmo-nos em agradecer-lhe as duas horas encantadoras que nos proporcionou e julgamos que bastarão essas palavras para significar o apreço que logo nos mereceu, no seu conjuncto, esta notavel pleiade de musicos hespanhoes.

O sexteto é composto de optimos elementos. Francés e Alvarez, os violinos, sobejamente conhecidos entre nós, são artistas intelligentes e sobrios que se encontram perfeitamente á vontade na musica de camara e que affrontam, sem pestanejar, as maximas transcendencias.

O violeta Conrado del Campo, justissimo na afinação e impeccavel no estylo, é um tanto prejudicado, quando tem que evidenciar-se, pela má qualidade de som do seu instrumento.

Luiz Villa, o violoncellista do sexteto, não dispõe de grande sonoridade mas é d'uma perfeição inexcédível em todos os seus passos.

Do pianista Enguita fazemos os mais rasgados elogios. Tem uma technica prodigiosa e uma segurança rythmica que toca ás vezes as raías do exagero. E não se admirem do nosso dito, porquanto até as proprias virtudes podem ás vezes ser excessivas...

Do feitio especial d'estes artistas, que esboçamos em traço vago, resalta naturalmente uma execução collectiva de uma notavel correcção, que se evidenciou em quasi todo o concerto e muito particularmente no *minuetto* e na *fuga final* do quarteto de cordas, bem como em quasi todo o quarteto de Mendelssohn.

No quinteto de Franck, com franqueza o dizemos, desejaríamos ás vezes um pouco mais de elasticidade e de calôr.

Assim, o segundo movimento, que está indicado -- *lento, con molto sentimento* -- tomado em andamento um pouco mais vivo do que seria para desejar, com o evidente intuito de *fazer mais effeito*, perdeu por esse factô e pela uniformidade quasi metronomica do tempo as qualidades que evidentemente se impunham na legenda, e que sem duvida determinaram a vontade e o modo de sentir do auctor.

Claro está que esse pequeno reparo, se o é, representa uma impressão absolutamente pessoal, que talvez não tenha até razão de ser e que, de todas as fórmãs, não entibia nem esmorece a magnifica impressão que nos deixou o sexteto e a sinceridade dos applausos que lhe dirigimos e que hoje gososamente confirmamos.



DO PAIZ

A sociedade philarmonica nabantina (de Thomar) foi agraciada com o titulo de Real.



Encontra-se novamente no Porto de regresso do Brazil onde fez uma «*tournee*» artistica, o talentoso pianista portuense sr. Americo Angelo. O distincto professor volta brevemente para a America do Sul, onde dará uma nova serie de concertos.



Censorcios :

— A illustre professora portuense sr.^a D. Armanda Russell Dubini teve a gentileza de nos participar o seu casamento com o sr. Antonio José Ferreira Junior.

— Na parochial de S. Paulo realisou-se o casamento da sr.^a D. Josephina Gouveia da Silva Pereira, irmão do nosso talentoso violinista Raul Pereira, com o sr. Frederico Augusto Villaret.



A *Associação do Bem* solemnisou no dia 6 o segundo anniversario da sua fundação inaugurando em sessão magna o retrato do infeliz Alfredo Serrano, tão prematuramente roubado pela morte á nossa *élite* intellectual, de que foi tão brilhante ornamento.

A festa terminou por um sarau musical e litterario em que tomaram parte as sr.^{as} D. Herminia Alagarim e Vittorio Foresti (canto), D. Alice Peres e Wenceslau Pinto (piano) e alguns amadores mais.



Villegiaturas :

Estão em Queluz a sr.^a Condessa de Almeida Araujo, srs. Visconde de Moraes e dr. Illydio Amado ; em Bellas os srs. Antonio Lamas e Antonio Joyce ; em Cintra o professor Guilherme Ribeiro, o sr. José Carneiro e as sr.^{as} D. Maria Olga de Moraes Sarmento da Silveira, D. Virginia Baptista e D. Palmira Baptista Mendes ; na Ericeira a sr.^a D. Emma Sasseti Noelner ; na Cruz Quebrada, o sr. Dario Florez ; em Parede, o sr. dr. Esteves Lisboa ; no Estoril, as sr.^{as} D. Carlotta Tatti Machado, e D. Alice Felix da Costa ; em Cascaes a sr.^a D. Carolina Alzina e os srs. Viscondes de Atoughia, Augusto e Claudino Gomes ; no Campo Grande, o sr. dr. Sousa Viterbo ; em Almada, a sr.^a D. Maria Bravo ; em Santarem, a sr.^a D. Palmira Folque d'Oliveira Feijão ; nas Caldas da Rainha, a sr.^a D. Laura Madeira ; em Buarcos, a sr.^a D. Joanna Folque ; em Leça da Palmeira, o sr. Oscar da Silva ; em Mondariz a sr.^a D. Anna Peito de Carvalho e o sr. conde da Ribeira (D. Vicente) ; no Fayal o sr. dr. Manuel d'Arriaga ; em Paris a sr.^a D. Ada Weinstein.



Noticias militares :

— A banda d'infantaria 1 está em Cezimbra, tendo ali tomado parte nos festejos que terminam hoje.

— Trocaram de regimento os musicos de 3.^a classe, srs. Benedicto Lopes de Carvalho, de infantaria 8 e Carlos Ferreira Neves da Silva, de infantaria 24.

— Requereram para ir servir no ultramar os musicos de 3.^a classe, srs. Alvaro da Silva, de caçadores 1 e Manuel Joaquim Martins da Fonseca, d'infantaria 8.

— O musico de 3.^a classe de infantaria 17, sr. João Passos da Cunha, desistiu de ir servir no ultramar.



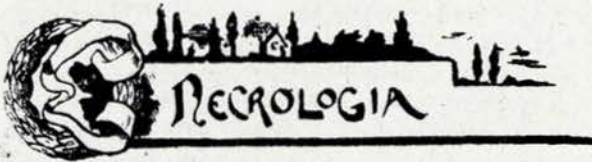
O sr. dr. Augusto Carlos Xavier, de Silves, teve a amabilidade de nos offerecer um exemplar das suas traducções de *Manfredo* e de *O Giaour*, deliciosos poemas que contam entre as obras primas de Lord Byron.

Limitamo nos por agora a agradecer-lhe a mimosa offerta, de que nos occuparemos no proximo numero mais de espaço.



Está no prelo um interessante folheto de cento e tantas paginas, devido á talentosa penna do sr. dr. Alfredo Bensaúde e que tem o seguinte titulo: — *Uma concepção evolutionista da musica (As canções de Schubert)*.

A edição, que é primorosa, está a cargo da casa A. M. Teixeira & C.^{ta} (praça dos Restauradores).



Em 6 d'este mez finou-se a sr.^a D. Maria Adelaide d'Almeida Palmeirim, viuva do antigo director do Conservatorio, Luiz Augusto Palmeirim.

Era uma senhora de excelsas qualidades de coração e de espirito.



Está de luto o illustre professor Miguel Ferreira, pela perda de sua virtuosa esposa, a sr.^a D. Rosa Flora da Silva Ferreira.

Apresentamos-lhe as nossas mais vivas condolencias.



Victimado pela diabetis, falleceu, com 51 annos, um sympathico e intelligente amator de musica, o sr. Alfredo Kruz, irmão da sr.^a condessa de Burnay e do sr. Carlos Kruz.

Ha bastante tempo que abandonara o cultivo da musica, preocupado com os muitos affazeres do seu cargo na Companhia Real dos Caminhos de Ferro e ultimamente ainda mais preocupado com a terrivel enfermidade que lhe minou a existencia.

Era no emtanto muito distincto no piano e no órgão, tendo, principalmente n'este

ultimo instrumento, uma larga copia de conhecimentos theoreticos.

Apesar de não ter publicado nenhuma obra (ou muito poucas, de que não temos ideia) era a composição o seu dilettantismo favorito. Ouvimos-lhe grande numero de composições tanto para piano como para harmonium e temos até á vista uma serie manuscrita de seis *Airs de ballet*, com uma captivante dedicatória ao director d'esta revista, que mostram bem as qualidades de delicadeza e naturalidade que distinguiam o mallogrado amator, nos seus trabalhos de composição.

Tambem se dedicou em tempos á critica musical, com rara imparcialidade e desassombro e os artigos que publicou no *Journal do Commercio* sobre assumptos lyricos dão a medida do que valia n'este campo da sua actividade, explorado infelizmente durante um periodo de tempo muito restricto.

Alem de vasta cultura intellectual, tinha apreciaveis dotes de character e era um conversador espirituoso e fluente.

VINACCIA

Entre as fabricas italianas de bandolins, a casa Vinaccia é a mais justamente celebre.

Vinaccia, de Napoles, é o violeiro classico d'este genero de instrumentos e os specimens antigos d'esta notabilissima fabrica adquirem cotação nos mercados artisticos, como se fossem *Stradivarius* ou *Guarnerius*.

Até agora não se tinha pensado em importar os famosos bandolins de Vinaccia, pois difficilmente se podia conciliar o preço elevado do producto com as circunstancias infelizmente acanhadas do nosso meio.

Não só por contractos especialmente feitos com o celebre violeiro, que envolvem encomendas muito avultadas, mas ainda pela redução dos lucros de venda a um stricto minimo, poudé a casa Lambertini introduzir no nosso paiz os bandolins de Vinaccia, julgando prestar com isso um serviço valioso aos nossos artistas e amadores da especialidade.

A quantidade e pureza de som d'estes bandolins e o perfeito acabamento de todas as suas partes componentes são qualidades de sobra para nos permittirem antevêr a prompta diffusão d'elles e a preferencia incondicional de que dentro em pouco gozarão.

Nos depositos da casa Lambertini encontram-se desde já modelos de preços os mais variados.